



A TRANSMISSÃO DO OFÍCIO DE BENZER: UMA ANÁLISE EM SÃO MIGUEL DAS MISSÕES-RS

Juliani Borchardt*
Ronaldo Bernardino Colvero**

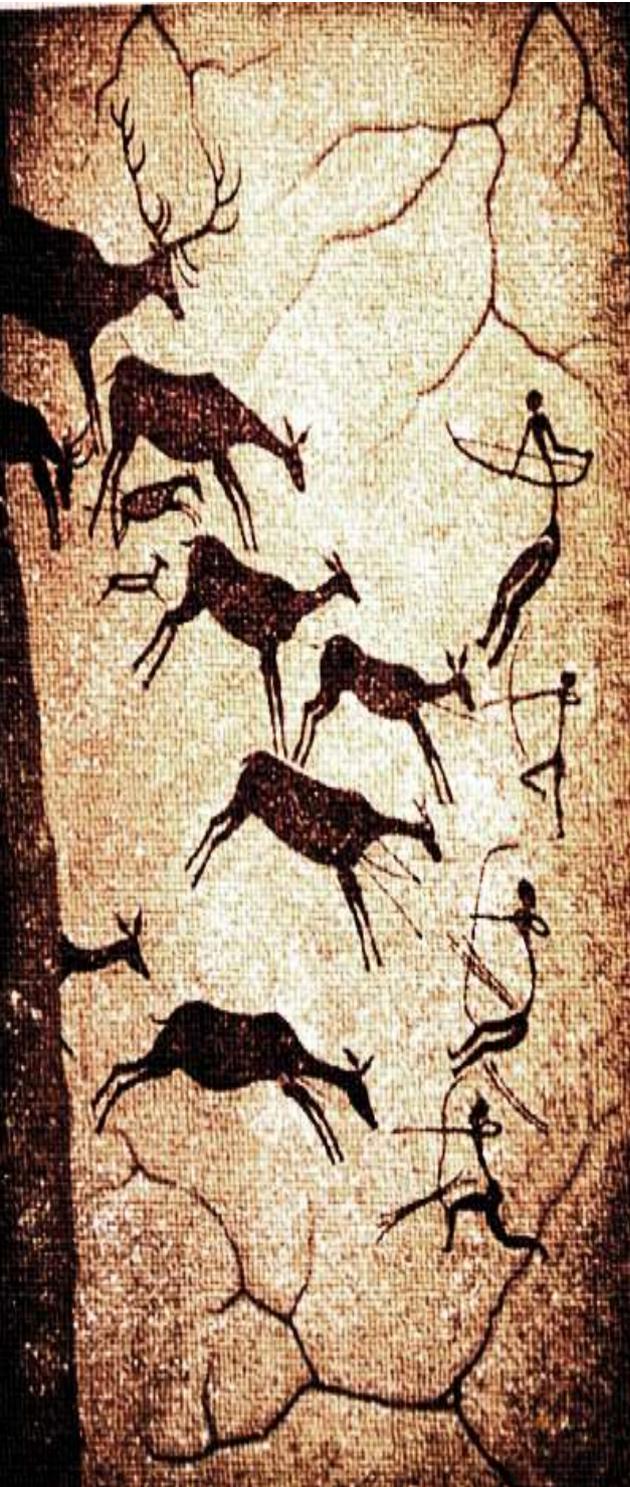
Resumo

Este artigo visa analisar as formas de transmissão do ofício de benzer no município de São Miguel das Missões-RS. Para isso foram aplicadas entrevistas onde se buscou conhecer como o ofício de benzer é passado de geração em geração entre os seus praticantes nesta comunidade. A aplicação desta técnica se dá pelo fato de ser o único meio disponível atualmente para conhecer as características de seus praticantes tendo em vista que não há registros documentais ou outros tipos de fontes para se chegar a um parâmetro sobre como se dá a transmissão deste ofício. A motivação de tal pesquisa se justifica pela necessidade de conhecer uma expressão imaterial do município de São Miguel das Missões não estudada no meio acadêmico ou por instituições públicas como IPHAN e Prefeitura Municipal, pois através disso teremos conhecimentos referentes à sua prática e como se dá sua transmissão, contribuindo para o desenvolvimento científico neste campo de pesquisa. Os resultados nos mostram que a transmissão se dá no meio familiar e se baseia na oralidade e gestualidade com suas peculiaridades em cada caso analisado. A necessidade de solucionar problemas aliado a religiosidade e a fatos místicos justificam o saber e a atuação dos benzedores na comunidade onde estão inseridos, legitimando-os como detentores do ofício de curar as pessoas através de benzimentos.

Palavras-chave: Narrativa. Benzedores. São Miguel das Missões. Transmissão.

Abstract

This article aims to analyze the modes of transmission of the letter of blessing in São Miguel Missions-RS. For interviews that were applied where it sought to know how the craft of blessing is passed on from generation to generation among the practitioners in this community. The application of this technique is given because it is the only means currently available to meet the characteristics of its practitioners considering that there is no documentary records or other sources to arrive at a parameter on how transmission is effected by this craft. The motivation for such research is justified by the need to meet an immaterial expression of São Miguel Missions not studied in academia or public institutions as IPHAN and Municipality because through it we know concerning



their practice and how does your transmission, contributing to the scientific development in this field of research. The results show that transmission occurs in the family and is based on orality and gestures with its peculiarities in each case analyzed. The need for solving problems allied to religious and mystical knowledge and the facts justify the action of healers in the community where they live, legitimizing them as holders of the office of healing people through blessings.

Keywords: Narrative. Healers. San Miguel Missions. Transmission.

* Juliani Borchardt

Bacharel em Administração- Projetos e Empreendimentos Turísticos.

Especialista em História, Cultura,

Memória e Patrimônio. Aluna do Programa de Pós

Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural da

Universidade Federal de Pelotas, Bolsista CAPES.

Email: juossette@hotmail.com

** Ronaldo Bernardino Colvero

Doutor em História pela PUCRS.

Prof.º Adjunto da Universidade Federal do Pampa -

UNIPAMPA - Campus São Borja. Professor Efetivo do

programa de pós graduação em Memória Social e

Patrimônio da Universidade Federal de Pelotas.

Email: rbcolvero@gmail.com

Introdução

A oralidade se constitui como uma das principais formas de transmissão do ofício de benzer entre os seus praticantes em São Miguel das Missões (RS). Por ser uma prática cultural não explicitada na historiografia do município, inexistem registros específicos oficiais e pesquisas ampliadas referentes à sua transmissão. Para isso utilizou-se como subsídio principal entrevistas realizadas, transcritas e analisadas com alguns benzedores residentes no município, proporcionando um entendimento maior sobre esse ofício¹⁷, pois reflete de alguma forma o passado e o presente de seus praticantes, bem como perspectivas para o futuro dos benzedores nessa comunidade. É importante destacar que os benzimentos fazem parte de uma prática cultural baseada na oralidade, e não na escrita propriamente dita. Le Goff lembra disso ao dizer que

(...) A verdade é que a cultura dos homens sem escrita é diferente, mas não absolutamente diversa. O primeiro domínio no qual se cristaliza a memória coletiva dos povos sem escrita é aquele que dá um fundamento – aparentemente histórico – à existência das etnias ou das famílias, isto é, o dos mitos de origem. (2013, p. 392)

Nas sociedades (ou práticas) sem escrita há uma maior liberdade e possibilidade criativa nas narrativas e em seus saberes – podendo esses mudar, se adaptar ou negociar com outras formas e linguagens conforme seus interesses, objetivos e aspirações atuais. A escrita cristalizaria os fatos, tornando-os históricos e, assim, difíceis de serem reinterpretados ou assimilados de outra maneira, senão aquela que está registrada e documentada, daí a falta de interesse por parte de alguns grupos de escreverem sua prática. Le Goff questiona ainda ao interpelar que a

Transmissão de conhecimentos considerados secretos, vontade de manter em boa forma a memória mais criadora que repetitiva; não estarão aqui duas das principais razões da vitalidade da memória coletiva nas sociedades sem escrita? (2013, p.394)

A tradição oral é também uma forma de transmitir certos saberes e conhecimentos apenas para quem se deseja (e destina) esta transmissão, limitando estas informações apenas a um determinado grupo (e não publicitar ao coletivo). Houis caracteriza as diferenças entre oralidade e escrituralidade dizendo que

¹⁷ [...] As características do ofício de benzeção, raramente abordadas nos estudos sobre medicina popular, fazem parte de uma história, de uma cultura e, ao mesmo tempo, de um processo de produção de vida. Somente alcançando esse espaço social onde ele ocorre é que podemos perceber as suas diferenciações simbólicas. (OLIVEIRA, 1985, p. 69)

A oralidade é a propriedade de uma comunicação realizada sobre a base privilegiada de uma percepção auditiva da mensagem. A Escrituralidade é a propriedade de uma comunicação realizada sobre a base privilegiada de uma percepção visual da mensagem. (1980, p.12)

Os grupos sem escrita criam os seus próprios códigos a fim de manter uma comunicação entre seus membros, que pode ser através de desenhos, pinturas, decorações, criação de objetos ou espaços, gestualidades ou a criação de um vocabulário próprio (no caso dos benzedores). Calvet reforça isso ao dizer que

[...] as sociedades de tradição oral dão testemunho de um saber comparável, igualmente elaborado, que não se manifesta, é claro, em tratados de estilística ou de gramática, mas do qual se encontram traços no conjunto de jogos linguísticos propostos [...]. (2011, p.16)

Para o autor, tanto as sociedades escritas, quanto as de oralidade igualam-se no quesito comunicação, pois buscaram formas e estratégias de manifestarem suas ideias, práticas e culturas. Passar um saber imaterial (oral) para a escrita, também pode trazer elementos interessantes no aspecto memorial, como ensina Atlan ao afirmar que

A utilização de uma linguagem falada, depois escrita, é de fato uma extensão fundamental das possibilidades de armazenamento de nossa memória que, graças a isso, pode sair dos limites físicos do nosso corpo para se interpor quer nos outros, quer nas bibliotecas. Isso significa que, antes de ser falada ou escrita, existe uma certa linguagem sob a forma de armazenamento de informações na nossa memória. (1972, p. 461)

Nesse aspecto, a passagem de conhecimentos da oralidade para a escrita pode auxiliar como registro e documentação destas informações para a sua salvaguarda—, podendo servir para seus próprios agentes e mantenedores principais. Sobre isso, o trabalho com esse tipo de grupo deve ser realizado de forma ética e que respeite as peculiaridades de suas culturas e memórias. É preciso deixar que falem se (e o que) quiserem falar, respeitando sempre o desejo e o tempo do entrevistado. Há memórias, lembranças ou saberes que o grupo não deseja compartilhar abertamente, seja porque não estão preparados para falar sobre esses fatos, seja pela própria manutenção do status de segredo que estas informações relevantes podem ter para o grupo.

Do contrário, não se trata apenas de utilizar as narrativas dos entrevistados, mas sim de lhes proporcionar um espaço como agentes de construção de sua própria história na sociedade onde estão inseridos, incluindo-os num processo democrático de participação antes não oportunizada por instituições públicas ou pesquisadores. Para Jovchelovitch e Bauer,

[...] Através da narrativa, as pessoas lembram o que aconteceu, colocam a experiência em uma sequência, encontram possíveis explicações para isso, e jogam com a cadeia de acontecimentos que constroem a vida individual e social. (2008, p. 91)

Todas as expressões vividas pelo homem, seja de forma individual ou coletiva, são passíveis de serem manifestadas através de narrativas, as quais, em alguns casos, são motivadas pela necessidade de compartilhamento das vivências e histórias dos mais diversos indivíduos, e que ajudarão a construir as identidades e as práticas culturais imateriais produzidas por estas pessoas. Neste sentido, Meihy (2002, p. 21) afirma ainda que “através dos séculos, o relato oral sempre se constituiu na maior fonte humana de conservação e difusão de saber, o que equivale a dizer sempre ter sido a maior fonte de dados para as ciências em geral”. O termo conservação se coloca de forma equivocada, ao ponto em que a forma como os indivíduos lembrar-se-ão dos acontecimentos poderá mudar com o passar do tempo, não havendo conservação e tampouco se cristalizando eternamente. Porém, a oralidade representa um dos mais importantes veículos de informações, saberes e culturas da humanidade.

O trabalho com fontes orais necessita de técnicas e metodologias como ferramenta de captação destas novas fontes históricas. Dessa forma, os relatos orais captados, transcritos e interpretados servem como registros e fontes de pesquisa em diversas áreas, em especial onde há deficiência de outras fontes que ajudem a pesquisar e registrar histórias e culturas. Montenegro complementa afirmando que na medida em que os depoimentos populares são gravados, transcritos e publicados, torna-se possível conhecer a própria visão que os segmentos populares têm das suas vidas e do mundo ao redor (2001, p. 16). O que será de extrema importância no estudo sobre a transmissão do ofício de benzer em São Miguel das Missões, pois os conhecimentos e informações estão exclusivamente em seus praticantes e em nenhum outro local seria possível conhecer suas principais características, peculiaridades e visões de mundo, pois é no indivíduo que a história oral encontra sua fonte de dados. Para o autor, os registros orais vêm a complementar as demais fontes existentes e que,

A história oral, no trabalho com a população, tem possibilitado o resgate de experiências, visões de mundo, representações passadas e presentes. Nesse sentido, as entrevistas permitem instituir um novo campo documental que, muitas vezes, tem-se perdido com o falecimento dos seus narradores (2001, p.26).

Em certas comunidades, o trabalho com fontes orais é o único meio disponível para a obtenção de informações sobre determinados assuntos, seja pela falta de outros registros, pela inexistência de outras pesquisas relacionadas ao tema ou pelo fato de ser as pessoas as únicas detentoras das informações necessárias para o entendimento do tema estudado. E, nossa comunidade estudada apresenta estas características, pois baseiam sua prática na imaterialidade, oralidade e gestualidade, não registrada ou documentada até então. Thompson lembra ainda que

A história oral é uma história construída em torno de pessoas. Ela lança a vida para dentro da própria história e isso alarga seu campo de ação. Admite heróis vindos não só dentre os líderes, mas dentre a maioria desconhecida do povo. [...] Traz a história para dentro da comunidade e extrai a história de

dentro da comunidade. Ajuda os menos privilegiados, e especialmente os idosos, a conquistar dignidade e autoconfiança. (1998, p.44)

Neste sentido, as narrativas produzidas através da oralidade (no trabalho com história oral) possuem uma função social importantíssima no momento em que possibilitam a diferentes atores a oportunidade de se expressarem como agentes de sua história e, através deles, a de uma comunidade inteira – antes desconsiderada no contexto histórico local - valorizando-os e reconhecendo-os como detentores de informações e conhecimentos únicos na localidade onde estão inseridos. As peculiaridades e o cotidiano dos entrevistados são elementos relevantes na pesquisa, sendo a vida destas pessoas, narradas por elas mesmas, o essencial para a compreensão do tema estudado. É comum que os próprios entrevistados desconsiderem suas narrativas por não considerá-las importantes para nada. Isso se deve, principalmente, em práticas culturais e simbólicas, por serem expressões cotidianas e corriqueiras na comunidade, não visualizada como excepcional ou diferente. Em outro aspecto, esse olhar de valorização e de interesse por parte do pesquisador pode causar interferências e impactos no entrevistado ou grupo, pois cria um status de relevância que pode fazer com que a comunidade questione e debata sobre sua cultura e história locais.

Em muitos momentos das narrativas poderão existir incoerências e contradições no narrado pelos entrevistados. Nessa perspectiva Thomson argumenta que

[...] as razões pelas quais as pessoas constroem suas memórias de modo específico e não conseguiam enxergar como o processo de afloramento de lembranças poderia ser a chave para ajudá-los a explorar os significados subjetivos das experiências vividas e a natureza da memória individual e coletiva. [...] Não percebiam que as chamadas distorções da memória, embora talvez representassem um problema, eram também um recurso. (1981, p. 52)

Sendo assim, é justamente nas contradições e peculiaridades, que cada entrevistado atribui a determinado episódio, que consiste a riqueza das formas de transmissão (neste caso, dos benzedores de São Miguel das Missões), que irão demonstrar as trajetórias de vida, as relações sociais e familiares, as vivências, o cotidiano, o imaginário, as memórias, o trabalho e as necessidades vividas por cada um ao longo de suas vidas. Jovchelovitch e Bauer (2008, p. 109) complementam afirmando que “de fato, as próprias narrativas, mesmo quando produzem distorção, são parte de um mundo de fatos; elas são factuais como narrativas e assim devem ser consideradas. Mesmo narrações fantásticas são exemplos disso.” As próprias incoerências e contradições que aparecem em narrativas fazem parte das estratégias criadas por seus agentes na tentativa de construir suas práticas e memórias individuais, e que refletirão no coletivo através de informações e regramentos que serão compartilhados pelo grupo. Desse modo, não cabe ao pesquisador (entrevistador) julgar ou criticar as narrativas do seu entrevistado.

Analisar estas distorções é ler e entender como se constroem as identidades e a legitimidade do ofício do benzedor no âmbito familiar e na comunidade onde estão inseridos. A maneira como o benzedor constrói a sua história e compartilha com os demais, o legitima na função que exerce, sendo passível de mudanças e adequações com o passar do tempo, as quais são necessárias inclusive para a manutenção destas práticas tradicionais e populares, pois dependem exclusivamente de como o benzedor se enxerga perante a sociedade.

Em alguns casos, o universo sobrenatural e fantástico, contradizendo muitas vezes com a ciência, é justamente o elemento que o projeta como benzedor e figura representativa de todo um grupo que compartilha dos mesmos códigos. Justificar como os cientistas, os pesquisadores já o fazem. É a expectativa e a busca por ser diferente (e até mesmo incompreensível perante os demais) que faz com que o benzedor molde sua prática como a faz. A importância do uso da oralidade para o estudo da transmissão dos benzimentos se justifica também, conforme cita Thompson pois

Em alguns campos, a história oral pode resultar não apenas numa mudança de enfoque, mas também na abertura de novas áreas importantes de investigação. [...] O traço mais surpreendente de todos, porém, talvez seja o impacto transformador da história oral sobre a história da família. Sem a evidência oral, o historiador pode, de fato, descobrir muito pouca coisa, quer sobre os contatos comuns da família com os vizinhos e parentes, quer sobre suas relações internas. (1998, p.27)

Na pesquisa com os benzedores, o trabalho oral proporciona vislumbrar, além das histórias de vida, as representações, o sincretismo, o simbolismo e as peculiaridades atribuídas por eles mesmos à sua prática ao longo do tempo. Assim, Portelli ensina que as

[...] Representações e “fatos” não existem em esferas isoladas. As representações se utilizam de fatos e alegam que são fatos; os fatos são reconhecidos e organizados de acordo com as representações; tanto fatos quanto representações convergem na subjetividade dos seres humanos e são envoltos em sua linguagem. Talvez essa interação seja o campo específico da história oral, que é contabilizada como história com fatos reconstruídos, mas também aprende, em sua prática de trabalho de campo dialógico e na confrontação crítica com a alteridade dos narradores, a entender representações. (1996, p. 111)

Como argumentado por Portelli, o narrado pelos entrevistados proporcionará conhecer e analisar a constituição das representações criadas e recriadas através dos anos, exaltando elementos da subjetividade e imaginário mesclados com a própria história de vida do narrador. Não há certo ou errado, mas sim percepções e visões de mundo que constituem a vida e a memória destes indivíduos, não podendo o entrevistador fazer generalizações e padronizações, pois serão inúteis, tendo em vista que cada narrativa compõem um contexto que se enquadra para aquele indivíduo e não para o coletivo. No caso dos benzedores, o que se pode (e deve

analisar) são os pontos em comum que auxiliam no entendimento da prática. Odair lembra ainda que

[...] O narrador em sociedades de base oral costuma adequar sua fala ao contexto da plateia que o ouve, ao contrário da rigidez da escrita que se apresenta de forma unilateral, a evidência oral é testemunho obtida de uma pessoa viva, substanciada na experiência individual. (2003, p. 30).

De certa forma, os benzedores refletem o seu público, sendo um perfil que se aproxima por compartilharem estes códigos de crença e religião, bem como se assemelham em termos de nível escolar e classe social. As narrativas precisam ser compreensíveis para determinado público e, por ser produzida por indivíduos vivos, pode ser modificada conforme interesses ao longo do tempo. Jovchelovitch e Bauer complementam dizendo que:

[...] A história tem de ser plausível para um público, de outra maneira não seria história. Quanto menos o ouvinte conhece, mais detalhes serão dados. O contar histórias está próximo dos acontecimentos. Ele dará conta do tempo, lugar, motivos, pontos de orientação, planos, estratégias e habilidades. (2008, p. 94)

Com os benzedores entrevistados, os episódios fantásticos e sobrenaturais narrados são perfeitamente plausíveis e reais para eles e para o público que os procura, acarretando uma cadeia de histórias e acontecimentos que permeiam os relacionamentos e o imaginário destas pessoas, reforçando na grande maioria das vezes sua crença nos resultados dos benzimentos: a cura e a proteção – caso contrário, não existiriam pessoas que buscassem os serviços dos benzedores. Da mesma forma, criam vínculos afetivos e de relações através deste compartilhamento, sendo de extrema relevância na manutenção deste ofício para estes indivíduos. Em entrevista concedida em sua residência Alzira de Oliveira Leite relembra como começou a benzer:

Eu comecei com a minha mãe, que faleceu com 112 anos, ela que me ensinou. Daí nós ia trabalhar como parteira e benzedeira. Não tinha doutor, era só curador e remédio de ervas. [...] Ela benzia, dava remédio de ervas e era parteira. E daí ela me ensinou para eu ficar no lugar dela. Eu ajudava ela porque sempre era muita gente pra se benzer e não tinha doutor formado, era só curador. (2013)

Na fala, a entrevistada deixa transparecer a realidade da região onde está inserida, onde a falta de médico faz com que as pessoas solucionem seus problemas de saúde com os benzedores, curadores e parteiras, aliadas ao uso e indicação de plantas e ervas medicinais para a cura de doenças. Fica claro em sua fala, a necessidade que sua mãe teve de ensinar um de seus filhos (no caso ela) para que continuasse com o ofício e ficasse em seu lugar. Há uma exaltação de suas funções na comunidade, tendo em vista que eram muito procuradas na localidade onde

viviam, criando um status de valorização no meio social, o qual a entrevistada faz questão de exaltar. Nota-se que o ofício de benzer não é realizado sozinho, pois há também os ofícios de parteira e mateiro que provavelmente reforça o reconhecimento destas pessoas perante a comunidade. Sobre a transmissão dessas práticas, a entrevistada relata ainda que:

A minha bisavó era de família que benzia. Eles iam deixando aquele dom pros outros, mas não eram todos que tinham esse dom pra aprender a benzer. [...] Agente tem uma visão pra saber quem que vai ficar. Eu pelo menos tenho uma neta só pra deixar, os outros não tem esse dom. Ela viu que eu tinha esse dom, me ensinou e eu ajudava ela. [...] Logo eu começo a escrever. Quero deixar tudo escrito pra ela. Vai ficar escrito porque ela é nova ainda daí ela nunca vai esquecer. (2013)

É visível no caso da dona Alzira que o ofício de benzer vem sendo repassado de geração em geração e que isso parte de uma escolha de quem possui o poder dentro da família (geralmente a pessoa mais idosa que mantém o conhecimento da prática) para decidir quem continuará com o ofício, sendo então detentora de um ‘dom’. Alzira, diferentemente de outros entrevistados, diz que decidiu ser benzedeira, o que a fez, provavelmente, ser a escolhida para ajudar sua mãe nas tarefas de benzer e assim consequentemente ficar em seu lugar, motivada pela vontade de ajudar ao próximo, fazer o bem e, sendo assim, a única com ‘dom’ para benzer entre os seus quatro irmãos.

A entrevistada demonstra a preocupação em deixar escrito e registrado as suas técnicas de benzimento e orações para que a sua neta possa ter o suporte da escrita quando ela não estiver mais viva. Não há uma consciência de que a transmissão ocorra de uma forma natural, oral e gestual, o que faz a entrevistada acreditar que se documentar ou registrar seus saberes, terá mais valor e importância do que a prática em si para sua neta, contrariando inclusive a forma como a transmissão foi feita até então em sua família. Alzira pretende deixar como sua sucessora uma neta, de nove anos de idade, que até o momento não iniciou seu aprendizado no ofício. Entre todos os seus dez filhos, justifica a escolha pelo fato da neta ser “muito católica” e que seus filhos não possuiriam “força para ser benzedor”. A entrevistada sempre se refere a um ‘dom’ como sendo necessário para a atuação de um benzedor, mesmo quando afirma (em seu caso) que foi uma escolha sua ser benzedeira e que a sua neta também desejaria seguir com este ofício, o que demonstra dois aspectos que se mesclam e acordam para a constituição do benzedor.

Já, o benzedor Aureliano José Jardim conta que

[...] eu tinha uma vó que faleceu com 115 anos e era a maior benzedeira da região da Coimbra. E daí eu pedi pra ela, me deu uma inspiração por dentro e pedi pra ela que me ensinasse a benzer porque eu queria fazer o bem pro povo, pras pessoas. Ela disse “não posso meu filho”, daí eu indaguei “mas porque a senhora não pode” e ela me disse “eu não posso porque isso é um dom que Deus dá pra quem tem que cumprir aqui, e pode que tu não tenha o dom e de nada adianta tu benzer que não resolverá nada”. Daí eu fiquei,

passou uma semana, eu estava caminhando no meio de umas laranjeiras, olhei as laranjas, de repente olhei uma velhinha parada e me disse “vem cá, eu vou te benzer pra te dar o dom de benzedor”, daí ela me benzeu e disse “tu faz o que eu te mandei, não guarda isso que eu te dei, cumpra com o teu dever e não pode cobrar de ninguém porque de graça eu te dei. Se alguém te der uma coisa tu aceita, mas não pode cobrar”. Daí eu fiquei com aquela inspiração enorme dentro de mim e comecei a benzer com oito anos até agora e continuo sempre firme. (2013)

As palavras de Aureliano mostram também o desejo de ser benzedor e o anseio por ajudar ao próximo, provavelmente motivado pelo exemplo de sua avó, que segundo ele, era a maior benzedora da região onde morava. Chama atenção o fato desta prática, na opinião do entrevistado, não poder ser transmitida e ensinada, e sim de um dom recebido por algo superior (Deus, Santo, Cristo, etc.). Mesmo em sua fala, Aureliano conta que uma ‘senhora’ havia lhe ensinado e dado o “dom”. Quando questionado sobre quem seria essa mulher que lhe apareceu, relata que pensou ser

[...] uma pessoa guiada pelos caminhos de Deus. Coisa ruim não ia me dizer pra benzer, eu acredito que Deus mandou. Nossa senhora têm mostrado coisas pra mim que tenho ficado parado. Por exemplo: o que eu peço, tenho sido atendido. Tudo aquilo que eu peço não é difícil de atender. (2013)

A justificativa parte para um lado espiritual e fantástico, não ficando claro quem realmente seria essa senhora que lhe concedeu (e ensinou) o dom do benzimento. Aureliano desejava ser benzedor, e após a recusa justificada de sua avó em lhe ensinar, legitima sua atuação pelo dom que teria recebido de uma senhora, chamando a atenção o seu anseio e vontade em atuar como benzedor aos oito anos de idade, provavelmente motivado por visualizar sua avó exercendo esta função e querê-la repetir socialmente. Outro aspecto parece ser compreendido nesta narrativa: uma pessoa só se torna benzedor depois de adulto, sendo que só quando chega nesta fase é considerado detentor de sabedoria e condições para exercer o ofício de benzer. O entrevistado mescla em sua narrativa fatos do passado e do presente em uma tentativa de relacionar ambos e justificar sua prática na atualidade. Oliveira aponta ainda que

Geralmente, a descoberta do dom pela benzedora ocorre paralelamente ao reconhecimento de algum acontecimento forte na sua vida. [...] Mas há outras situações em que ocorre o reconhecimento da existência do seu dom: quando a benzedora depara com alguma doença incurável; quando ocorre uma revelação, por exemplo, uma visão de que uma santa a protege numa estrada perigosa; ou quando ela ouve uma voz que a orienta no sentido de retribuir, às pessoas, a graça da bênção que recebe dos santos; ou ainda quando, na ausência de outras benzedoras, ela precisa aprender o conhecimento do trabalho para poder benzer as crianças que ficavam doentes. (1985, p. 34)

Como a autora nos esclarece, a descoberta do ‘dom’ de benzedor está diretamente ligado a dois aspectos fundamentais: 1º) a um episódio sobrenatural como uma aparição ou a cura de uma doença incurável e 2º) pela necessidade de solucionar as doenças que acometiam as

peessoas na falta de acesso a recursos médicos especializados. Sobre o transmitir os conhecimentos, Aureliano conta ainda que

Tem o meu rapaz que tem 21 anos, eu pressenti que ele tem um dom. Porque eu sou meio vidente assim, eu vejo a pessoa, olho pelos olhos, eu conheço a pessoa pelos olhos. Mas eu gosto, eu me dedico sempre. [...] Eu queria deixar meu filho no meu lugar, mas ele não quer eu acho. [...] Ele me diz “isso não me agrada pai, eu tenho que trabalhar”. Mas ele tem o dom, o outro não. Eu tenho dois filhos e o outro não tem assim esse dom, ele está morando lá em Caxias. (2013)

O entrevistado justifica o desejo de que seu filho seja um benzedor através de um pressentimento que teve, igualmente quando a senhora, em sua aparição, lhe concedeu a missão de benzer, o que demonstra uma repetição semelhante, induzida e justificada pelo sagrado, que indica e ensina quem será ou não benzedor. Fica claro de que se não houver a interferência divina, o benzedor não terá êxito em seu ofício, já que este seria um dom dado por Deus. O entrevistado demonstra, no entanto, preocupação com a falta de interesse do filho em praticar o benzimento e ter a responsabilidade desde ofício, o que se dá (como ele diz) pelo fato de não lhe agradar esta função e por ter que trabalhar, tendo em vista que o benzimento não é rentável financeiramente por ser um ofício realizado em benefício do próximo e não cobrado pelos serviços prestados. Sobre as narrativas Jovchelovitch e Bauer dizem que

[...] As narrativas não estão abertas à comprovação e não podem ser simplesmente julgadas como verdadeiras ou falsas: elas expressam a verdade de um ponto de vista de uma situação específica no tempo e no espaço. (2008, p. 110)

Conforme já foi exposto, não cabe ao pesquisador julgar ou subestimar os fatos narrados pelo entrevistado, pois é desta forma que ele se enxerga e caracteriza sua história de vida, o que legitima inclusive, suas ações no presente. Não há certo ou errado, mas sim o narrado no presente, com suas influências e interesses, o que transforma os entrevistados (e suas respectivas narrativas) em um campo vasto de possibilidades de análise e trabalho. Thomson complementa afirmando que

[...] Construimos nossa identidade através do processo de contar histórias para nós mesmos – como histórias secretas ou fantasias – ou para outras pessoas, no convívio social. [...] Ao narrar uma história, identificamos o que pensamos que éramos no passado, quem pensamos que somos no presente e o que gostaríamos de ser. (1995, p. 57)

A benzedora Laídes Dutra da Silva, diferentemente dos outros entrevistados, não possui uma sala ou quarto específico para a prática dos seus benzimentos. Não utiliza altares, santos, imagens e fotografias, provavelmente por ser praticante do espiritismo, os quais não expressam sua religiosidade através destes objetos. Durante a entrevista, narrou que quando começou a benzer:

[...] não sabia benzer e eu comecei a benzer pra tormenta por causa da minha mãe, eu saía nas costas dela quando se armava o tempo e ela pegava o machado e eu benzo até hoje, tenho o machadinho certinho ali nos fundos de casa. Um dia eu tava sentada com o meu gurizinho que hoje está com vinte e seis anos, eu sentada com ele no colo e eu tinha uma janela de vidro parecida com aquele que eu tenho ali (*aponta para uma das janelas da casa*), isso lá fora no interior, deve dar uns três quilômetros daqui lá perto dos meus irmãos que moram até hoje lá. E era um sonho assim, eu embalando ele numa cadeira e eu olhei pro céu e o céu era lindo todo azul e aparecia Jesus num quadro branco, ui eu me arrepio só de lembrar! Jesus naquele quadro branco e saía umas estrelinhas também pra mim no meu sonho sabe, e eu tinha o meu guri e ele estava no meu colo, daí eu chamei o meu esposo e disse “vem ver Vilsom o que eu tô vendo no céu, Jesus Cristo”, daí ele veio e não estava mais. Não era pra ele ver, só pra mim e desde aquele dia eu comecei a benzer, benzer pra mordida de bicho, cobra, aranha, quebrante, mau olhado. Isso foi um dom que Jesus me deu e não adianta procurar em outras coisas. A pessoas dizem “mas bah, não dá pra tu me ensinar benzer?” e eu digo “mas eu não sei ensinar porque eu aprendi porque Jesus me ensinou e se não fosse ele eu não saberia nada. (2013)

A ênfase no fantástico e sobrenatural se mistura com as ações reais cotidianas e possuem mais valor do que um aprendizado transmitido. Nota-se, assim como no caso do Sr. Aureliano, que nos depoimentos não aparecem especificamente de que forma ocorre o ensinamento, focam apenas nas ‘aparições’ recebidas e como “num passe de mágica” nasce um benzedor. O fato de somente ela ter visto a imagem de Cristo naquele dia, a legitima mais do que ter visto sua mãe benzer cotidianamente tempestade com um machado e, assim, aprendido os gestos e falas através da repetição desta ação. Segundo Amado, isso se deve, pois,

[...] A dimensão simbólica das entrevistas não lança luz diretamente sobre os fatos, mas permite aos historiadores rastrear as trajetórias inconscientes das lembranças e associações das lembranças; permite, portanto, compreender os diversos significados que indivíduos e grupos sociais conferem às experiências que tem (1995, p. 135).

A experiência sobrenatural que a entrevistada Laídes teve, a credencia como detentora dos saberes de curar através do benzimento. Essa narrativa é fundamental para a constituição de sua identidade (de benzedeira) na comunidade onde está inserida, por ser um discurso repetido e transmitido aos demais. Elementos da família, do espaço, das cores e da casa aparecem na narrativa, contextualizando o momento em que a entrevistada inicia sua vocação de curar e ajudar as pessoas. Neste contexto, Meihy (2002, p.51) argumenta que “a história oral se apresenta como forma de captação de experiências de pessoas dispostas a falar sobre aspectos de sua vida. Quanto mais elas os contarem a seu modo, mais eficiente será seu depoimento”.

O benzedor Valter Braga, em entrevista concedida junto ao Ponto de Memória¹⁸ Missioneira, o qual é idealizador e mantenedor, relata quando começou a benzer:

¹⁸ Idealizado, construído e mantido por Valter Braga, o Ponto de Memória é um espaço que abriga doações feitas pela comunidade de peças e artefatos referentes a diversos períodos da história de São Miguel das Missões. O terreno foi adquirido pelo mesmo em 1993 e a casa construída ao longo dos anos com recursos próprios. Hoje é referência cultural na cidade, sendo reconhecido por IBRAM e IPHAN, os

(...) eu posso dizer que o meu primeiro benzimento eu tinha quatorze anos. Eu desde criança ouvia explicarem e falarem sobre os benzimentos porque era tão normal em rodada de fogo de chão onde contavam os causos de bravuras em torno do sítio que era um lugar de perdição e jogatinas, por exemplo, o meu pai é filho de uma índia guarani casada com um argentino então houve uma miscigenação na cultura religiosa daquele período e que foi se passando de geração e eu me lembro muito bem que o primeiro benzimento que eu fiz foi benzer um animal. Era um gado. Lá fora era tão normal as casas ter arvoredos em roda e não ter parapeito então os gados comiam as frutas como laranja e se afagavam. Um deles se afogou daí meu pai sempre tinha essa devoção, ele era analfabeto e justamente esse benzimento estava escrito e eu sabia ler e ele me forçou, vamos dizer assim, que eu rezasse, eu não queria, mas no fim fui e rezei. Me lembro daquela matriz caída no chão e afogada, estava nos últimos estágios como a gente diz daí eu rezei na forma como dizia ali e ele deu uma encolhida e um bufo e saltou aquela laranja fora e daquele momento em diante eu passei a ter mais fé e acreditar que realmente aquela maneira de buscar Deus tinha validade e mais ainda pros outros que estavam assistindo e daí em diante eu comecei e as pessoas começaram a me procurar e sei lá de certo meu pai e os outros contaram o que aconteceu. (2013)

O entrevistado dá um panorama do meio onde vive e das influências que teve para iniciar a benzer. Assim como os demais entrevistados, o exemplo e estímulo vêm da própria família. É peculiar a noção que Valter possui da miscigenação étnica existente na região Missões ao longo do tempo, o que vai influenciar todas as práticas ali existentes. Diferentemente dos demais, ele inicia sua trajetória benzendo animais, o que reflete a prática pecuária da região e a falta de profissionais veterinários para a cura de animais doentes, indicando que os benzimentos não são direcionados apenas para os seres humanos. O entrevistado deixa claro que foi forçado a benzer pelo pai, motivado pela necessidade de salvar a vida do animal e ser o único alfabetizado para ler o benzimento que estava escrito num pedaço de papel – o qual não relata a procedência. É visível também, a forma como a fama se espalha na comunidade após a cura do animal benzido, o que valida o sujeito como benzedor naquela localidade, fazendo a comunidade o procurar quando necessita. Quando questionado sobre a transmissão dos conhecimentos, Valter conta

(...) o meu tio quando me repassou ele me disse que podia repassar para até três pessoas e me disse que eu seria uma e eu fiquei meio assim porque eu tinha quatorze anos e não tinha muita ciência do que isso representava e não foi uma nem duas vezes que eu cruzava lá porque nós se locomovia a pé no Distrito de Mato Grande ficava a dois quilômetros e meio de distância e eu sempre cruzava na frente da casa dele e ele sempre me convidava pra chegar ali e me dizia que isso dava pra passar no máximo para três pessoas pra não perder a força (...). (2013)

Valter foi estimulado por seu pai quando o forçou a ler o benzimento e curar o animal afogado, mas também houve pressão por parte de seu tio (que era benzedor) para que seguisse nesse caminho, sendo o entrevistado um dos três escolhidos deste último para ser seu sucessor.

quais dão suporte técnico ao acervo ali existente. Se tornou um dos principais atrativos turísticos de São Miguel das Missões.

Essas influências o fazem iniciar no ofício de benzedor e a manter em prática até os dias atuais através do seu ponto de memória.

Através das entrevistas e dos relatos orais, podemos constatar que há semelhanças e diferenças que envolvem a transmissão do ofício de benzedor, o que faz concluir que esta não é uma prática padronizada e cristalizada em suas diversas manifestações. Dois aspectos principais foram percebidos no que se refere à constituição desta prática: 1º) é um conhecimento repassado no meio familiar de geração em geração através de uma escolha de quem detém a hierarquia e saberes da técnica – tais informações podem ser repassadas, inclusive de forma involuntária no âmbito familiar, o que motiva alguém a escolher ser benzedor; 2º) é um dom recebido por uma entidade superior que escolhe aqueles que terão essa missão durante sua vida. Ambas, portanto, deixam claro através dos depoimentos, que partem inicialmente de um desejo da própria pessoa em se tornar benzedor, em seguida legitimada por um episódio sobrenatural ou de cura milagrosa. O único caso que se difere é o do Sr. Valter, que parte de uma imposição e não há um fato sobrenatural que justifique ser benzedor.

O papel da família constitui importante elemento de análise na prática dos benzedores, pois é em seu interior que as relações de influência e de decisão norteiam este ofício. As práticas educativas familiares são, segundo Szymanski (2001),

(...) ações contínuas e habituais, realizadas pelos membros mais velhos da família, nas trocas intersubjetivas, com o sentido de possibilitar a construção e apropriação de saberes, práticas e hábitos sociais pelos mais jovens, trazendo, em seu interior, uma compreensão e uma proposta de ser-no-mundo com o outro" (2001 p. 87)

A idade em que iniciam as práticas demonstra isso, já que todos relataram ter iniciado jovens, sendo oito anos a menor idade registrada¹⁹. Ademais, começaram a benzer²⁰ na família (75%) e tiveram como mentores no processo, principalmente, mães e avós. Sobre isso, vale observar os casos espontâneos de início à atividade, de maneira que frequentemente se autoconsideram como portadores de um “dom”.

A necessidade de solucionar os problemas de saúde, em uma época onde os recursos médicos eram praticamente inexistentes, potencializa o surgimento e o trabalho de profissionais populares que se colocam a serviço da comunidade na tentativa de cura, sendo compartilhadas entre as pessoas daquela localidade, através de boatos e fama de curas feitas aliadas a fé e religiosidade destas pessoas. Chama a atenção o fato de que todos os entrevistados iniciaram sua prática na zona rural. O que também merece destaque é que até mesmo os que dizem receber o dom de uma entidade divina, possuíam em suas famílias membros que eram benzedores, indicando um repasse involuntário entre as gerações, através dos gestos e falas repetidas, visualizadas, apropriadas e praticadas.

¹⁹ Questionário aplicado junto aos benzedores, ver anexo nº 02.

²⁰ Pergunta 12: “Como começou a benzer?”.

A dinâmica dos benzimentos como prática imaterial e simbólica é baseada no conhecimento que seus praticantes possuem do meio onde vivem e das influências em que foram expostos no decorrer de suas vidas. Ela não se refere ao passado, mas sim ao presente, onde a manifestação é ressignificada constantemente e recriada conforme as necessidades atuais de seus praticantes, num diálogo com o espaço e os objetos utilizados durante o ato de benzer. A prática só tem sentido, como todas as expressões imateriais, através de sua transmissão, que resultará em sua continuidade e apropriação pela comunidade onde seus praticantes estão inseridos.

Referências Bibliográficas

AMADO, Janaína. **O Grande Mentiroso: tradição, veracidade e imaginação em história oral**. História. São Paulo, 14: 124-136, 1995.

JOVCHELOOVITCH, Sandra e BAUER, Martin. **Entrevista Narrativa**. In BAUER, Martin W., GASKELL, G. Pesquisa Qualitativa com Texto, Imagem e Som: Um Manual Prático. Petrópolis: Vozes, 2008.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de História Oral**. São Paulo: Loyola, 2002.

MONTENEGRO, Antonio Torres. **História oral e memória: a cultura popular revisitada**. 3ª ed. São Paulo: Contexto, 2001.

ODAIR, José. **Mito, Memória e História Oral**. 1ª ed. São Bernardo do Campo: Editora Chamas, 2003.

OLIVEIRA, Elda Rizzo de. **O que é benzeção**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.

PORTELLI, Alessandro. **O massacre de Civitella Val diChiana** (Toscana:29 de junho de 1944): mito, política, luto e senso comum. In: **Usos e Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 1996. Pg. 103-130.

PROJETO HISTÓRIA: **Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo)**. São Paulo. SP. Brasil, 1981.

THOMPSON, Paul. **A voz do Passado: História Oral**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

THOMSON, Alistair. **Recompondo a Memória: questões sobre a relação entre história oral e as memórias**. Projeto História. São Paulo, 15, 1995.

_____. **Histórias (Co) Movedoras: História Oral e estudos de Migração**. Revista Brasileira de História, vol. 22, nº44: São Paulo, 2002.

Entrevistados:

Alzira de Oliveira Leite, São Miguel das Missões, 2013.

Aureliano José Jardim, São Miguel das Missões, 2013.

Laídes Dutra, São Miguel das Missões, 2013.

Valter Braga, São Miguel das Missões, 2013.